

CAPÍTULO I

PRIMEIRA PARTE

TEMA: O CREDO

INTRODUÇÃO

ARTIGO PRIMEIRO

Creio em Deus, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra

“Bendito o Senhor que me aconselha, mesmo de noite minha consciência me adverte. Vivo sempre na presença do Senhor, se ele está ao meu lado, não vacilarei”

INTRODUÇÃO

Nosso Credo, chamado "SÍMBOLO", apresenta-se como uma senha, sinal de reconhecimento e unidade dos cristãos. Também chamado "SÍMBOLO DOS APÓSTOLOS" essa NORMA DE VERDADE é fundamentada no testemunho dos primeiros Apóstolos de Jesus. Vinte séculos passados, chega inalterada na vida dos cristãos do nosso tempo.

Essa fé dos apóstolos não é uma filosofia nem uma ideologia que eles teriam aprendido e aceitado. É uma REVELAÇÃO ao longo de uma experiência que tiveram. São João afirma: "O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam da PALAVRA DA VIDA, porque a VIDA manifestou-se; nós vimos e damos testemunho e vos anunciamos essa Vida..." (1 Jo 1,1-2) O nosso CREDO trata de vida: da vida de Deus na vida dos homens e, inversamente, da vida dos homens na vida de Deus.

oOo

Em Nápoles, durante a Quaresma do ano de 1273, Tomás de Aquino proferiu, entre outros sermões, uma das suas mais perfeitas exposições, discorrendo, com simplicidade, elegância e lucidez os doze artigos do Credo:

- *Artigo primeiro: Creio em Deus, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra.*
- *Artigo segundo: Creio em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor*
- *Artigo terceiro: Foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria*
- *Artigo quarto: Padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado*
- *Artigo quinto: Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia*
- *Artigo sexto: Subiu aos céus está sentado à direita de Deus Pai Todo Poderoso*
- *Artigo sétimo: Onde há de vir a julgar os vivos e os mortos*
- *Artigo oitavo: Creio no Espírito Santo*
- *Artigo nono: Creio na Santa Igreja Católica*
- *Artigo décimo: Creio na comunhão dos santos e na remissão dos pecados*
- *Artigo décimo primeiro: Creio na ressurreição da carne*
- *Artigo décimo segundo: Creio na vida eterna*

Usando uma linguagem acessível em suas obras teológicas, Tomás, o grande teólogo em todos os tempos, conseguia atingir a todos, mantendo o conteúdo de suas explicações, conservando a imensa profundidade doutrinária e sua peculiar ortodoxia.

Para ilustrar nosso estudo, procuramos enriquecer cada capítulo com uma pequena mostra e algumas "pinceladas" sobre a grande obra de São Tomás de Aquino a respeito do Credo. Ler esse tratado em toda sua extensão, além da beleza do texto, nos levará à maior compreensão da profundidade teológica dos doze artigos do nosso SÍMBOLO.

LER o "CREDO" de São Tomás de Aquino será, sem dúvida, uma grande oportunidade de conhecer melhor uma das obras do "Doutor Angélico" e poder avaliar a importância e valor da nossa Profissão de Fé.

Quem foi São Tomás de Aquino?

"Quando criança de cinco anos, Tomás, ouvindo os monges beneditinos cantar os louvores a Deus, cheio de admiração perguntou: "Quem é Deus? Toda a sua vida foi uma incomparável e insaciável procura do mistério de Deus.

Tomás nasceu em 1225 de uma nobre família do condado de Aquino, perto de Roma. Teve a oportunidade de receber toda a formação possível na época. Estudou, primeiro, no vizinho mosteiro de Monte Cassino e depois na

Universidade de Nápoles, onde travou conhecimento com a Ordem Dominicana à qual quis filiar-se.

O jovem Tomás, com 19 anos, a fim de realizar esse desejo, teve que enfrentar oposição cerrada da família, especialmente da condessa sua mãe. Para subtrair-se a ela, viajou, às escondidas, para Roma, encerrando-se no mosteiro dominicano de Santa Sabina, de onde pouco depois foi enviado a Paris. Contudo, em sua viagem, foi detido por um pelotão de soldados, guiados por dois de seus irmãos, que serviam às tropas imperiais sediadas na Itália. Enviado ao lar paterno, no castelo de Roccaseca, Tomás ficou detido por ordem de sua mãe. Com isso esperava dissuadi-lo ao serviço à Igreja. Os ambiciosos familiares o queriam destinar a um cargo político ou administrativo, ou, pelo menos, a um rendoso ofício prelatício, ao passo que Tomás estava escolhendo uma ordem desconhecida, com o designativo de mendicante.

Toda a oposição resultou em vão. Apenas libertado, seguiu sua vocação. Esteve em Colônia para os estudos filosóficos e teológicos, sob a direção do célebre mestre Alberto Magno. Passou depois para Paris, o maior centro de estudos superiores da Europa. Daí por diante sua vida foi inteiramente tomada pelo ensino e pela elaboração de suas obras filosóficas e teológicas.

A curta vida de São Tomás (1225-1274) não foi de modo algum tranquila, como poderia fazer-nos pensar a magnitude de sua obra. Viajou constantemente e desempenhou várias funções: professor universitário, consultor da Ordem, pregador oficial... Em meio de tantas viagens e ocupações, lia, meditava e redigia suas obras. Sua SUMA TEOLÓGICA é uma das obras fundamentais do pensamento humano. Obra que marcou o rumo da orientação filosófico-teológica da Igreja durante meio milênio. Santo Tomás aparece assim como um dos grandes elaboradores do pensamento cristão. O esforço realizado pelos Santos Padres na incorporação da cultura clássica à mensagem cristã foi completado por Santo Tomás no campo filosófico, enxertando a filosofia de Aristóteles em seu sistema teológico. A convite do papa, Tomás preparou liturgia, ofício e missa da solenidade do Corpo de Deus: resultou uma maravilhosa síntese de teologia eucarística e, ao mesmo tempo, um monumento de fé e de amor à presença de Cristo na Eucaristia.

Em 1274, Tomás foi convidado a participar do Segundo Concílio Ecumênico de Lião (Lyon), mas a morte o surpreendeu em viagem, no dia 7 de março. Foi canonizado pelo Papa João XXII que, aos que objetavam que faltasse milagre no processo, respondeu: "Quantas as proposições teológicas que ele escreveu, tantos são os milagres que fez." Sua memória venera-se no dia 28 de janeiro, dia em que seu corpo foi trasladado para Tolosa, em 1369.

Exemplo de pureza de vida, de desapego das grandezas mundanas, de firmeza de vocação religiosa, de amor entranhado à oração e à contemplação, de fidelidade à Igreja, Santo Tomás de Aquino, declarado Doutor Angélico, agigantou-se no firmamento do pensamento católico como as torres das catedrais góticas, a desafiar os tempos e a apontar para o mistério de Deus."

Do livro " O santo do dia" de Dom Servilio Conti, IMC

CAPÍTULO I

ARTIGO PRIMEIRO

Creio em Deus Pai Todo Poderoso, criador do céu e da terra

Entre todas as verdades nas quais os fiéis devem acreditar, em primeiro lugar devem acreditar que Deus existe.

Convém, além disso, considerar o que significa este nome - DEUS. Significa, precisamente, Aquele que governa e cuida de todas as coisas.

...Deus é a causa universal de todas as coisas, e não só cria a forma, mas também a matéria. Por isso fez todas as coisas do nada. Recitamos no Credo essa verdade: "Criador do céu e da terra". Há diferença entre criar e fazer: criar é tirar alguma coisa do nada; fazer é produzir uma coisa de outra coisa.

Acredita, por conseguinte, na existência de Deus, quem acredita que todas as coisas deste mundo são por Ele governadas e estão subordinadas à Sua Providência. (§13)

...Que nos comportemos de acordo com os desígnios de Deus ao nos criar. Deus fez o homem para governar tudo o que há na terra, mas para que o homem ficasse submetido a Ele. Devemos, por isso, dominar e governar o mundo, mas nos submetendo a Deus, a Ele obedecendo e servindo. Por esse caminho certamente chegaremos à união com Deus. Amém. (§29)

SÃO TOMÁS DE AQUINO

O primeiro traço no qual o símbolo apostólico suscita nossa fé é: creio em Deus Pai todo poderoso.

Deus é majestade. Pai é familiaridade. Todo Poderoso é onipotência (aquele que tudo pode). Este é o retrato de Deus em poucas pinceladas: majestoso, familiar, poderoso.

Um Deus todo poderoso poderia estar muito distante do homem, criatura limitada. Mas o nosso Deus é, em primeiro lugar, um Deus Pai. E pai é um ser de amor. Portanto, o nosso Deus todo poderoso é um Deus do amor infinito. Esta é a revelação do Evangelho: o amor de Deus para toda a humanidade é primeiro, gratuito, incondicional.

Criador do Céu e da Terra

No princípio o povo de Israel acreditava que seu Deus era apenas o Deus de suas tribos, de seus territórios. Porém, ao autor inspirado, foi revelado que o Deus de Israel é o “Deus de toda a terra”, o Deus do universo; foi Ele que o fez todo inteiro. O universo, em sua própria existência, depende da vontade livre de uma Pessoa que o supera. Esse é o sentido da palavra **criação**.

Se toda a criação mantém uma relação de dependência ininterrupta com Deus, essa relação quando se trata do homem é uma relação privilegiada, uma relação de parentesco e de vida. Só a humanidade é o “sopro de Deus”; só o homem é “imagem de Deus e seu filho”.

A ideia correta da criação (São Tomás já insistia nisso, com vigor) é a da “dependência no ser”. A nascente não criou o rio no passado, cria-o no presente, de forma contínua. Em tudo que o rio é, em qualquer momento, ele depende da nascente. Assim, também, Deus não criou o universo no passado; desde sua origem cria-o no presente, de forma contínua, porque incessantemente o universo brota de Deus.

Sugestão para troca de ideias:

1 – Como você poderia “retratar” Deus?

2 – O nosso Deus é um Deus único. Quais são os outros deuses que ameaçam conquistar o coração do homem?

Texto de Meditação sugerido para a Reunião

- At. 17, 24 – 30 – “A humanidade é o centro da criação”

Texto de apoio: A “imagem” de Deus

Para traçar a “imagem” que temos de Deus é preciso recorrer à história do Povo Eleito. Entre o Nilo e o Eufrates viveu, a partir de 700 AC, um grupo de nômades vindos do Egito, onde a vida se tornara insustentável social e religiosamente. Formavam eles um conjunto de várias tribos. Eram monoteístas. Seu Deus único e verdadeiro era Javé (Eu sou), incomparavelmente ativo, presente e voltado para a salvação de seu Povo. Nada era equivalente a Javé em qualquer religião daquele tempo. Através de uma aliança com Israel, Javé foi se **revelando**, fez de Israel o seu **Povo**, a sua **possessão**.

A experiência de Israel em relação ao Deus vivo e presente na sua vida, criou, entre eles, o interesse de procurar sempre o sentido mais profundo dos acontecimentos e a conexão dos fatos. Israel tem convicção de **Fé**, de que Deus vivo age na história e que a **salvação** virá através de Javé.

“Deus permanecerá fiel à dinastia de Davi”, anunciou o profeta Samuel e dela uma figura predestinada trará a salvação em nome de Javé. “**Espera-se o Messias, o servo do Senhor**”, disse Isaías...

Na plenitude dos tempos Deus, na pessoa de seu Filho, veio habitar entre os homens. Deus, agora tem um rosto, um nome, uma origem: Jesus de Nazaré.

“Quem me vê, vê o Pai...” “Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida”. Jesus nos mostra o Pai, explica o que Ele quer de nós e promete-nos o Paráclito. Jesus traça a “imagem” de Deus: uma Trindade Santa, um Deus em três pessoas distintas: um Pai **Criador** de todas as coisas; um Filho **Redentor** da humanidade; um Espírito Santo **santificador**. Mistério insondável!

Essa é a imagem que temos de Deus: um Deus que - como na história do Povo Eleito - um dia também nos elegeu e ao longo de nossa vida foi se **revelando**, pleno de sabedoria, fidelidade e amor para conosco. Um Deus misterioso e único, envolto no mistério da Trindade Santa. Um Deus presente e atuante, que caminha conosco e que nos quer seus filhos e herdeiros. Um Deus de Amor e Misericórdia que, de braços abertos, espera sempre por nós, acolhendo-nos, sustentando-nos e nos dando força e coragem para que, com serenidade, possamos enfrentar os caminhos da vida. Um Deus que nos promete a verdadeira felicidade pelo dever cumprido nesta vida e nos espera no seu Reino de Paz e Amor.

Texto escrito por um casal das ENS

CAPITULO I

SEGUNDA PARTE

SUBSÍDIOS PARA ESTUDO E REFLEXÃO

A Oração na Vida Cristã

“Pelo Filho de Deus, todos nos tornamos irmãos, participamos da glória e entramos em comunhão íntima com a Trindade Santíssima”

A ORAÇÃO NA VIDA CRISTÃ

1 – O que é mesmo oração?

A resposta dada pelo Novo Catecismo da Igreja Católica começa por um testemunho de Santa Tereza do Menino Jesus, que diz: “Para mim, a oração é um impulso do coração. É um olhar lançado ao céu, um grito de reconhecimento e amor no meio da provação ou no meio da alegria”.

A partir da experiência e do testemunho dos santos e santas, o Catecismo da Igreja nos ensina que “*a oração é uma relação viva e pessoal com o Deus verdadeiro* (nº 2558). Para alguém (como nós, Viúvas/os e Pessoas Sós) que pretende aproximar-se mais da oração, perceberá, aos poucos, que ela é muito mais do que palavras, do que fórmulas ou mesmo gestos. É uma relação que se estabelece entre Deus e nós. Esse será, pois, um dos desafios do nosso Grupo.

2 – Base sobre a qual a oração se alicerça

Se a oração é uma relação entre Deus e nós, ela só vai existir quando houver amizade e amor. Isso quer dizer que a oração é uma relação de intimidade amorosa com Deus. Não é uma invenção de pessoas ou mera fantasia. É um convite de Deus. Cabe a nós, como Viúvas/os e Pessoas Sós, que queremos levar uma vida cristã atenta a esse convite ou a esse chamado, descobrir a maneira de aceitá-lo.

Desenvolver essa relação de intimidade com o Senhor, todavia, não depende apenas da nossa capacidade natural. A Oração é um dom de Deus,

que precisa ser desenvolvido. Se a gente quer orar, a primeira atitude deve ser a de pedir esse presente gratuito do Senhor. Jesus disse à Samaritana: “*Se tu soubesses, tu é quem lhes pedirias e Ele te daria uma água viva*” (nº 2559-2561). E Deus, que sempre ouviu o seu povo, certamente vai nos atender.

3 – Aprofundando essa descoberta

Quando na condição de Viúvas/os e Pessoas Sós cultivamos uma amizade, logo percebemos que se forma uma espécie de cumplicidade com essa pessoa amiga. Suas opções, desejos, projetos tornam-se também os nossos. E os nossos projetos, opções e programas tornam-se os dela. O povo da Bíblia usa justamente a palavra *aliança* para descrever sua relação com Deus, uma espécie de compromisso amoroso que o Senhor fez com o seu povo e no qual cada uma/um de nós se situa. Aí se vive a comunhão com Ele.

A palavra *aliança* implica num tratado de pertença fiel a Deus. É algo assim como cumplicidade, pacto, parceria. Ela encontra sua expressão numa fórmula de reciprocidade: “*Vocês serão o meu povo e serei o Deus de vocês*” (Ez 36, 28). Não é à toa que um dos livros mais queridos pelas comunidades cristãs sempre foi o Cântico dos Cânticos. Existe outra expressão para essa mesma realidade: **comunhão**. É uma maneira inspirada nos escritos de São João, onde muitas vezes aparecem frases como: “*A nossa comunhão é como o Pai e o seu Filho Jesus*” (1Jo 1, 3).

- Quando rezo, sinto-me em comunhão com Deus?

(Baseado no Novo Catecismo: “Subsídios para Estudo” – Ed. Vozes)

Texto de apoio: “Será o trabalho uma oração?” – Pe. Caffarel

Trabalhar é orar, dizem. Se é verdade, é bem reconfortante pensar que todo o seu trabalho de viúva, sobrecarregada de ocupações, é uma verdadeira oração. Fazer compras, cuidar da casa, preparar as refeições e servi-las às crianças, deitar e levantar os pequeninos, trabalhar em casa e fora de casa, terá realmente valor de oração aos olhos de Deus?

Não; não se pode dizer que essas diversas tarefas sejam sempre oração. Do mesmo modo que um aperto de mão só é um gesto de amor se por

ele damos nosso coração, o trabalho só é oração na medida em que a vontade o orienta para Deus como uma oferenda. Cristo dizia aos judeus: “Esse povo me honra com a ponta dos lábios, mas seu coração está longe de mim”. Se, quando trabalhamos, nosso coração está longe de Deus, nosso trabalho não será uma oração. Mas se nosso coração estiver perto dele, se, de manhã à noite, nos esforçamos em fazer sua vontade e não a nossa, então, sim, o trabalho é uma oração.

Dirão, no entanto, que não podem estar incessantemente atentas a Deus. É verdade, como também não pensam a todo momento em seus filhos, embora seja o seu amor por eles que estimula todas as suas atividades. Por isso, não é tanto questão de atenção do espírito, mas, como lhes havia dito, de presença do coração. O que absorve o espírito não distrai necessariamente o coração. Penso nessa viúva encontrada num pequeno vilarejo que me dizia: “meu coração está todo tempo ocupado em Deus”. Era bem necessário que seu espírito estivesse em suas ocupações diárias, mas nem por isso seu coração se deixava monopolizar: ele ficava com Deus.

Não se consegue isso sozinho. É uma graça, mas uma dessas graças que o Senhor está impaciente para dar a seus filhos. Não se consegue isso muito rapidamente. É preciso exercitar-se. É indispensável que de manhã procuremos prever as tarefas do dia e oferecê-las a Deus. Durante o dia, é necessário, também, de quando em quando, levantar os olhos a Deus e renovar esse oferecimento e manifestar o desejo de que todas as nossas atividades tenham, aos olhos do Senhor, valor de amor, de louvor e de oração. Precisamos perseverar. O que é difícil no começo, logo se torna uma necessidade do coração, uma respiração da alma. E a grande paz de Deus impregna toda nossa vida.

Quando tomam em suas mãos o pulso febril de seus filhos, é seu coração que sentem pulsar entre os dedos atentos. Assim, que em todas as atividades, em todos os pequenos gestos de sua vida de viúvas, nosso Pai do Céu possa sentir a pulsação de seu amor por Ele, as batidas de seu coração.

(Do Livro “O Amor mais forte que a Morte” – pg. 237 a 238)

